



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR – DR. FRANCISCO EGBERTO DE MELO
PERÍODO LETIVO: 2020.1



SER E ESTRANHAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DE GYORGY LUKÁCS ÀS DISCUSSÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI

Línik Sued Carvalho da Mota¹

Resumo: Muito tem se discutido atualmente sobre caminhos para tornar o ensino de História mais próximo dos estudantes de ensino fundamental e médio, de forma a torná-lo mais atraente e vívido para os discentes, este trabalho se insere nesta discussão contemporânea ao pensar as contribuições possíveis do pensamento do filósofo Gyorgy Lukács nos problemas ligados a este campo, especificamente a categoria de estranhamento e intermediação.

Palavras-Chave: História, Ensino, Estranhamento.

Abstract: This article focuses on a discussion of contemporary themes on the teaching of history and thinking as possible contributions of the studies of Gyorgy Lukács in the problems related to this field, including strangeness categories.

Key-words: History, Teaching, Strangeness.

INTRODUÇÃO

Uma questão bastante atual, que tem rendido as mais diversas reflexões é como tornar o ensino de História mais próximo da realidade dos alunos, como fazer com que os conteúdos contribuam, de fato, com a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu lugar no mundo. Circe Bittencourt (2018, p. 156) delimita assim a questão.

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e as sujeitos que o produziram para buscar uma explicação.

¹ Mestranda em Educação em História pelo programa de mestrado profHistória na Universidade Regional do Cariri (URCA).

O ensino de História não pode ser descolado da realidade do estudante, que deve ser entendido como parte não apenas da construção do conteúdo, mas também como parte daquilo que está sendo exposto, em suas vivências e relações cotidianas. Caio Prado Júnior (1972, p. 17) já havia, também, alertado para este elemento necessário a História.

A historiografia não constitui simples exercício acadêmico, e sim disciplina científica. E como tal, destina-se a integrar o conhecimento que o homem necessita ter do meio físico, do meio social e de si próprio (...).

A História enquanto disciplina e enquanto ciência precisa, para manter sua relevância e impacto, estar necessariamente relacionada às demandas daqueles que a consomem enquanto conteúdo sistematizado, nas escolas, no mercado editorial e na pesquisa. Esse problema é especialmente importante no Século XXI, uma época em que a informação se espalha de forma difusa e, em muitos casos, os alunos tem as mais diversas possibilidades de acesso a narrativas históricas, digo em muitos casos, pois o uso de internet não está universalizado no Brasil.

Os problemas que se colocam diante de nós então são claros, partido dos pressupostos colocados: Como fazer esta relação entre o conteúdo e a vivência do aluno? Com que direcionamento este exercício deve ser feito? O objetivo deste artigo é pensar as contribuições que a leitura de Gyorgy Lukács pode dar para a questão.

ESTRANHAMENTO, PARTICULAR E INTER-RELAÇÕES: COMO LUKÁCS PENSA A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM SEU MEIO?

O ser humano nasce em um contexto histórico, vive, se reproduz e aprende nesse contexto. Aprende uma língua, dotada de um conjunto de significados compartilhados e uma cultura, os atores sociais agem e reagem a seu meio, mas não da forma como desejam, pois estão presos a toda uma teia de relações. Rodrigo Goularte (2016, p. 51), ao pensar acerca do materialismo histórico em Edward Palmer Thompson, assim define a questão:

Essas pessoas nasceram em contextos por elas não escolhidos e tendo que inserir suas vontades e ações dentro de um restrito espaço aberto dentro desse contexto que tem um peso esmagador. O peso do “existente”, como bália para as ações humanas, não pode ser desconsiderado.

Esta mesma é a linha de pensamento de Gyorgy Lukács, para este pensador o mundo não é apenas uma representação, apesar de, sobre ele, pesarem nossas representações, mas uma realidade material, construída pela nossa ação, dotada de elementos valorativos fortes e “inescapáveis” que acabam por construir um horizonte de possibilidades para a ação do indivíduo. Elementos como cultura, conjuntura econômica, moral familiar e religiosa e entre outras. É isto que define o ser humano enquanto um ser social e, logo, histórico.

Portanto, o campo de ação para esse desenvolvimento é socialmente determinado, sendo que, no entanto, dentro desse mesmo campo de ação, os diversos homens singulares, em situações “parecidas”, podem tomar decisões alternativas distintas. (LUKÁCS, 2014, p. 299).

Os “homens singulares” possuem diversas possibilidades, porém dentro de um horizonte histórico que as delimita, horizonte histórico este construídos pelos próprios seres humanos em sua ação com a natureza e socialmente, Assim, para o filósofo húngaro, a História constitui-se na práxis humana, nas relações dos seres humanos com seu meio e entre si mesmos. Sendo, os humanos, ao mesmo tempo que dotados de individualidade, partes, também, de um todo, uma genericidade, uma “totalidade concreta”.

Obviamente, todo ser vivo, ao mesmo tempo que é um exemplar de seu próprio gênero, é também um singular, um exemplar singular concreto (...). A necessidade acima indicada de que, na práxis social e através dela, a consciência humana não só forma dentro de si mesma uma continuidade mais elevada, fixada conscientemente, mas também a centra incessantemente no portador material, psicofísico, dessa consciência tem como consequência, no plano ontológico, que o ser-em-si natural da singularidade nos exemplares genéricos se desenvolve na direção a um ser-para-si e transforma o homem, tendencialmente, numa individualidade. (Lukács, 2014, p. 292).

Sendo a História e essa “totalidade concreta” uma construção dos seres humanos em sua práxis, e sendo os humanos uma individualidade ligada a uma genericidade social, é importante, para Lukács, pensar as mediações entre estes campos, pois se o indivíduo está em um espaço particular, é dotado de vontades, pensamentos e sonhos e está, necessariamente, ligado a uma realidade social marcada por elementos delimitadores aos quais chama de totalidade social, é vital estabelecer tais conexões. Mézaros (2013, p. 66), ao pensar sobre tal categoria, diz:

As “mediações concretas” que constituem a “totalidade concreta” são totalidades parciais intimamente inter-relacionadas (e que se interpenetram); elas adquirem o caráter de totalidade a partir da interpenetração das várias modalidades e formas de mediação.

Assim sendo, em Lukács esta totalidade concreta não é apenas um monólito rígido, duro, na forma de uma economia determinista, como alguns vulgarizadores do marxismo colocam, mas uma construção coletiva, firmada sobre a práxis humana, inter-relacional, marcada por influências mútuas dos diversos elementos que constituem a sociedade, principalmente no campo do trabalho, que é a transformação da natureza, responsável pelo “afastamento da barreira natural” (2010, p. 42). Tais mediações entre a particularidade, a individualidade e a totalidade concreta existem, a própria sociedade seria, em Lukács, impossível sem estas mediações, pois sem a sociabilidade dos indivíduos a sociedade não existiria, tampouco sem a língua, modelos de família, cultura e trabalho, o indivíduo consciente seria possível. É quanto torna-se social que o humano perde sua “mudez”, através da capacidade de transformar a natureza e de se expressar pela linguagem.

Porém, o ser humano naturaliza sua situação, universaliza sua cultura e, na individualização, é incapaz de ter a consciência da mediações de sua individualidade com o social, com esta totalidade concreta, a este processo, que tem se aprofundado violentamente com as novas tecnologias, Lukács (2013, p. 637) chamou de “estranhamento, onde percebe que “Com efeito, das exposições feitas até aqui restou claro o seguinte: o estranhamento de todo homem singular brota diretamente de suas inter-relações com sua própria vida cotidiana.” e constata que “Em cada ato de trabalho já está contida, objetivamente, a transição realizada do mero conhecido para o reconhecido, ainda que não contenha, necessariamente, um espelho ideal realmente consciente.” (LUKÁCS, 2010, p. 86).

Desta forma, o ser social e histórico, em seu campo individual, é incapaz de se perceber enquanto um ser histórico, que é dotado de historicidade e está ligado a um complexo de relações econômicas, culturais e políticas. A este fenômeno Lukács chama de estranhamento, quando o indivíduo estranha a realidade que sua própria práxis ajuda a construir e que, de forma dialética, influencia seu agir.

O PAPEL DO ENSINO DE HISTÓRIA NO FENÔMENO DO ESTRANHAMENTO

Este tópico tem como função conectar o que foi dito sobre a categoria de estranhamento em Gyorgy Lukács com o que foi pensado por Caio Prado Júnior na introdução do artigo. Ao usar as duas reflexões como direcionamento, começa a montar-se o quebra-cabeça no qual estive trabalhando nas páginas acima, cujo objetivo é pensar um direcionamento para o ensino de História que possa incluir o cotidiano dos alunos.

O ensino dos conteúdos não deve se dar de forma abstrata, mas sempre com perguntas norteadoras que relacionem a matéria ensinada ao cotidiano dos estudantes, como, por exemplo: Como a Primeira Guerra Mundial impacta em nosso dia a dia hoje? Como a Guerra Fria ainda influencia na relação do Brasil com outros países e em nossa memória? Em que a abolição da escravatura nos ajuda a entender o Século XXI? Um ensino de História voltado para as questões do presente, capaz de transcender a imagem de “curiosidade histórica” que permeia a disciplina.

Porém, mais do que pensar perguntas norteadoras, é preciso refletir sobre como o ensino de História poderá fazer o estudante perceber-se enquanto um indivíduo ligado, por diversas, mediações, a todo um complexo de relações, um ser dotado de historicidade, fazendo-o perceber em seu lugar na sociedade onde vive. Um ensino de História, direcionando para integrar o conhecimento que o ser humano precisa ter de si mesmo, do seu meio físico e de seu meio social, ajudando-o a construir-se como um ente não estranhado diante do mundo que o cerca, mas consciente dos problemas de sua realidade e de suas potencialidades de muda-la.

CONCLUSÃO

Este artigo procurou fazer um breve levantamento das contribuições de Gyorgy Lukács, através de seu conceito de estranhamento, para o ensino de História no Século XXI, em que se torna, cada vez mais, relevante a questão da inclusão do estudante no pensar a História e o desenvolvimento do senso crítico. Ajudar, usando os conteúdos como norteadores, os discentes a se perceberem no mundo, a se localizarem neles e a se entenderem como indivíduos ligados a um complexo de relações que o teórico húngaro chama de totalidade concreta que ajudam, através de sua práxis, em seu cotidiano, a construir e que são, dialeticamente, construídos por ela.

Refletir sobre uma História dedicada a pensar o presente através do passado, capaz de ajudar os estudantes a construir uma cartografia cognitiva de si mesmos, está na questão do dia.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Metodologias**. 5ª ed. Cortez Editora, São Paulo, 2018.

GOULARTE, Rafael. **Edward Palmer Thompson (1924-1993)**. In BENTIVOGLIO, Julio; AVELAR, Alexandre de Sá (Org). **Afirmção da História como ciência no Século XX**. 1ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2016.

JÚNIOR, Caio Prado. **História e Desenvolvimento: A contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro**. 1ª ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1972.

LUKÁCS, GYORGY. **Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social**. 1ª ed. Boitempo Editorial, São Paulo, 2010.

LUKÁCS, Gyorgy, **Para uma Ontologia do ser social II**. 1ª ed., Boitempo Editorial, São Paulo, 2014.

MÉSZAROS, István. **O conceito de dialética em Lukács**. 1ª ed. Boitempo Editorial, São Paulo, 2014.